

População cosmopolita

Pode parecer história de pescador, mas daqui a um mês, em dez dias pretende-se tirar até cem toneladas de tilápias do Paranoá. O peixe originário da África que tem duas variedades no DF, (a do Congo — *Tilapia rendali*, e a do Nilo — *Oreochromis niloticus*), tornou-se, pelo excesso, presença não grata no lago.

A população de peixes do Paranoá é bastante cosmopolita. Além dos africanos, o JK norte-americano (*Lepomis macrochira*), a carpa comum asiática (*Cyprinus carpio*) e o tucunaré amazonense (*Cichla ocellaris*) convivem com os nativos bragues (*Rhamadiazp*) e lambari (*Astyanaxsp*), entre outros. Grande parte dessas espécies — em torno de 20 — foram introduzidas no novo habitat sem que se imaginasse que no futuro alguma delas se tornasse um problema.

Pois a tilápia se tornou um problema. Estima-se que esse peixe se reproduza quatro vezes por ano. Diferente de outras espécies, essa protege suas crias, faz “ninhos” e até recolhe os alevinos (filhotes) na própria boca para protegê-los de eventuais ameaças. É onívoro (come de tudo) e tem apetite pelos detritos acumulados no leito do lago. O resultado disso é uma superpopulação de tilápias.

Segundo o pesquisador Fernando Starling, da Caesb, o crescimento dessa população está diretamente ligado à poluição do lago. O sedimento lodoso do Paranoá é rico em fósforo que, remexido e consumido

e excretado pelas tilápias, é lançado na água. Fósforo na água é sinônimo de problema, pois as microalgas se alimentam dele e se reproduzem. Pode ocorrer então o fenômeno chamado *bloom* (aumento da quantidade de algas com diminuição do oxigênio da água).

Isso poderia causar mortandade dos peixes — e o mau cheiro decorrente disso. As chuvas nas cabeceiras que criam correntes que removem o fundo do lago e a inversão térmica comum na mudança do verão para o inverno podem gerar o mesmo problema. “Nos últimos dois anos, por causa da inversão térmica, aproximadamente 300 mil quilos de peixes morreram no Paranoá”, diz Starling.

Esse fenômeno ocorreu no braço sul do Lago, região do Riacho Fundo, onde a abundância de tilápias é três vezes maior que no restante do Paranoá, onde se avalia a existência de 1,5 mil quilos de peixe por hectare. “Com a remoção das tilápias, a estimativa é de que a qualidade da água melhore em 35% nessa área”, revela o pesquisador.

Esse é o primeiro passo no processo de manejo biológico do Lago Paranoá depois do processo de despoluição feito pela Caesb. “Esse tipo de intervenção é pioneiro nos lagos tropicais do mundo”, afirma Starling. Ele garante que a diminuição abrupta na população das tilápias não terá efeito nocivo ao equilíbrio ecológico. “O único efeito será a melhora na qualidade da água”, diz. (NB)